Pontos de Interrogação
Revista de Crítica Cultural

BY-SA

ISSN: 2237-9681
Recebido: 20/11/2023
Aprovado: 15/12/2023
doi 10.30620/pdi.v13n2.p301

RESENHA

PRESENÇA DA TRADIÇÃO ORAL E BÍBLICA EM *A DAMA PÉ DE CABRA*

Décio Torres Cruz

A lenda da Dama do Pé de Cabra aparece adaptada à origem de várias famílias nos Livros de Linhagens. Segundo José Matoso, ela constitui uma versão de um conto muito conhecido em toda a Europa, embora ele não especifique a sua origem[1]. Essa mesma lenda foi reescrita pelo escritor português Alexandre Herculano sob o título "A Dama Pé de Cabra – Rimance de um jogral"[2], e embora datada como sendo do século XI, a origem da lenda, assim como a fonte utilizada por Herculano, é desconhecida, e não sabemos se ele utilizou a lenda em si ou a lenda retratada nos Livros de Linhagem. Contudo, não pretendo discorrer sobre a questão da origem nesse trabalho. Abordarei o caráter oral da narrativa de Herculano, confrontando os elementos literários encontrados na sua versão da lenda com aqueles dos Livros de Linhagem.

Ambas as versões mostram um cenário e uma concepção de mundo bastante característico da visão medieval, onde valores religiosos estão em um constante conflito com os desejos humanos. O desejo sexual é associado à idéia de pecado, aparecendo o desejo como uma expressão diabólica. Essa "tentação demoníaca" surge através da figura de uma mulher que vem atrair o homem para o pecado, espelhando a tradição bíblica da Queda do Paraíso, onde Eva se deixa envolver pelo encanto diabólico da serpente e leva Adão a cometer o pecado de provar do fruto proibido da árvore do conhecimento.

A concepção da figura feminina relacionada ao diabólico é hoje entendida sob o enfoque de interesses econômicos. Interessada em preservar e aumentar o seu poder e a sua riqueza, a Igreja Católica defendia o celibato de modo a

[1] MATOSO, J. Introdução. *Narrativas dos Livros de Linhagens*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

[2] HERCULANO, A. *A Dama Pé de Cabra. Lendas e Narrativas*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

angariar para si os bens materiais do seu rebanho. Celibatários, os padres não teriam herdeiros para dividirem a herança deixada por suas famílias, famílias essas que geralmente eram abastadas. Dessa forma, pode-se entender a idéia ortodoxa de que relações sexuais só deveriam ser praticadas dentro do casamento (de onde a Igreja também retirava os seus lucros) e com o único intuito de procriação. Qualquer ato praticado fora dessas circunstâncias estaria relacionado ao pecado.

Sendo o homem o detentor do poder econômico e social, já que foi sempre ele o dono das terras, das leis, das decisões, e do pensamento, a quebra da racionalidade que lhe era conferida tinha que ser admitida como uma fraqueza, uma tentação diabólica expressa pela mulher, pois a ela era dada unicamente a função de procriar, criar os filhos, cuidar da casa e do marido a quem deveria render eterna obediência. Ao homem sempre coube impor regras e condições à mulher. Se o contrário acontecesse, seria sempre interpretado como desonra ou falta de virilidade. Quando, no conto de Herculano, a mulher impõe ao homem uma condição a ser cumprida, ela só vigora por pouco tempo, pois antes do desfecho, D. Diogo quebra o juramento invocando o nome de Deus e, dessa forma, recupera a racionalidade de homem, não mais encantado pela mulher, recapturando assim o seu poder de decisão. Essa retomada de posição expressa não somente a vitória da força moral do homem sobre a mulher como também a vitória do Cristianismo sobre o paganismo, já que D. Diogo se liberta da tentação, abraçando a Igreja para a sua salvação.

Enquanto na narrativa dos Livros de Linhagens a lenda aparece de uma forma sucinta, resumida em duas histórias (*A Dama Pé de Cabra* e *O Cavalo Pardalo*), constituindo, portanto, muito mais um relato legendário que se propõe como História, a narrativa de Herculano apresenta muito mais detalhes, onde a lenda adquire um maior grau de ficcionalidade e, consequentemente, maior valor literário. Na narrativa de Herculano, o caráter oral – de cuja tradição a lenda faz parte – está presente com muito mais força. Dividida em sete capítulos e em três trovas, a lenda de Herculano descentra a ênfase em um único personagem, intercalando histórias paralelas de outros personagens com a história do personagem central (como acontece nas narrativas orais) para depois comporem um todo de onde predomina a verossimilhança.

Da mesma forma que na literatura oral (ou na literatura de cordel), o narrador dirige-se sempre a um público ("Vós os que não crêdes em bruxas ...")[3] buscando com esse recurso conquistar e reter a atenção do seu público (no caso de Herculano, dos leitores), o qual é referido a cada instante que a narrativa introduz uma nova história. Há uma predominância da oralidade tribal onde o narrador necessita de todo o silêncio para dar início à sua história, impondo assim o seu poder através da palavra, como um guerreiro ou um chefe de tribo necessita de um ritual para narrar suas histórias ou aventuras ("Silêncio profundíssimo; porque vou principiar.").[4]

Podemos estabelecer uma analogia entre esse estilo narrativo e a tradição oral africana. Na tradição oral africana, a palavra é magia e ela só deve ser utilizada para preconizar a verdade. Para um narrador africano, ser denominado de mentiroso é a maior ofensa. As suas histórias estão sempre embasadas na fidelidade da tradição, referindo-se a antepassados famosos para que a fidedignidade de suas histórias não seja contestada, já que essas narrativas estão apoiadas em figuras de respeito na comunidade que todos veneram[5]. O caráter de magia e respeito da e para com a palavra está expresso nesse poema ritual do chantre do Komo Dibi de Kulikoro, no Mali:

> "A fala é divinamente exata,
> convém ser exato para com ela."
> "A língua que falsifica a palavra
> vicia o sangue daquele que mente."[6]

Esse fato é bastante característico das sociedades iletradas. Para a civilização ocidental europeia, a palavra escrita prevalece sobre a oralidade, invertendo-se os valores. A palavra escrita passa a ser o testemunho da verdade cujo valor não se contesta, uma vez que a palavra esteja sacralizada em

[3] HERCULANO, A. *op. cit*.

[4] *Ibid*.

[5] Cf. os ensaios "A tradição oral e sua metodologia" de J. VANSINA, e "A tradição viva", de A. HAMPATÉ BÂ. In: *História Geral da África: I. Metodologia e pré-História da África*. Coordenador J. Kizerbo. São Paulo: Ática, 1982.

[6] *Ibid*., p. 187.

livro. Essa noção também está relacionada à tradição bíblica onde as escrituras aparecem como modelos de verdades absolutas e incontestáveis que deveriam regular a vida e o comportamento humanos, predominando a força do Logos quando "no Princípio havia a Palavra" e o "Verbo se fez carne e habitou entre nós". Por isso Herculano, na figura do narrador, refere-se a esse detalhe para comprovar a veracidade de sua história, precisando do apoio da comprovação escrita para atestar a veracidade da sua narração:

> E não me digam no fim: – 'não pode ser'. – Pois eu sei cá inventar cousas destas? Se a conto é porque a li n'um livro mui velho, quasi tão velho como o nosso Portugal. E o auctor do livro mui velho leu-a algures, ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares[7].

Da mesma forma que na tradição oral africana, há a necessidade do antigo da tradição. O livro é descrito como "mui velho" para atestar ainda mais a sua veracidade. Como nas narrativas orais, essa antiguidade também está ligada à própria origem do povo e da nação, "quase tão velho como o nosso Portugal". Outro fato relacionado à oralidade da narrativa é a explicação de uma provável imprecisão que possa ocorrer em relação à fidelidade ao original: a história foi passada de boca em boca, de geração a geração. O autor do livro "leu-a algures, ou ouviu-a contar [...] a algum jogral em seus cantares". Essa explicação, como na tradição africana, deve ser colocada antes ou depois da narração para justificar algum desvio da história original, o que demonstra o conhecimento do autor do caráter dinâmico da oralidade que sempre acrescenta ou omite algum detalhe. A fonte original deve ser respeitada e incontestada, da mesma forma que na tradição africana condena-se a mentira, e respeita-se a herança ancestral ("Aprendi com meu Mestre", "aprendi com meu pai", "foi o que suguei no seio da minha mãe"), admitindo-se a possibilidade de erro por adição individual na cadeia de transmissão narratória, como atesta o ensaio de Hampaté Bâ[8]. A descrença na tradição é vista como um pecado que será punido futuramente, através de uma ameaça que impõe o medo, como

[7] HERCULANO, A. *op. cit*.

[8] *História geral da África*, p. 187-193.

podemos perceber nesse trecho: "É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague"[9].

Na narrativa portuguesa, Herculano introduz lugares e nomes comprovadamente históricos e conhecidos para comprovar a verdade de sua história, procedimento semelhante ao que também ocorre nas narrativas orais africanas. Ele utiliza detalhes do cotidiano para dar maior verossimilhança à sua narrativa (como na cena em que uma pedra quebra o dente de D. Diogo) e para convencer a sua platéia, persuadindo-a a aceitar o seu discurso através de recursos característicos da narração oral, através da aparente indiferença em relação à crença no relato pela platéia ("Quer m'o creiam quer não, di-lo a história: eu com isto nem perco nem ganho") e através da imposição do medo com o resultado da descrença, como nos mostra a seguinte passagem onde D. Diogo não pode deixar de crer na história devido à perda de dois dentes:

> Pan! – foi o som que se ouviu. Com um só couce a reixa estava no chão, e as hombreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Quer m'o creiam quer não, di-lo a história: eu com isto nem perco nem ganho.
> D. Diogo, esse ficou-o crendo; porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dois últimos dentes que tinha e metteu-lh'os pela goella abaixo. Por isso elle com a dôr não podia dizer palavra[10].

Existe uma pequena variação entre a narrativa de Herculano e a dos Livros de Linhagem no que concerne aos nomes das personagens. Na primeira, temos os personagens D. Diogo Lopes e Inigo Guerra, enquanto na segunda a ortografia muda para D. Diego Lopez e Enheguez Guerra. A diferença é mínima e pode ser explicada filologicamente, o que não anula a possibilidade de ambas as narrativas terem uma origem comum, já que o enredo é o mesmo.

Concluindo, percebemos que a narrativa de Herculano possui um maior grau de ficcionalidade do que aquela dos Livros de Linhagem. Herculano utiliza recursos literários que são tomados de empréstimo das narrativas orais, e tenta reproduzir com fidelidade a tradição originária da lenda que ele

[9] BÂ, A. HAMPATÉ. A tradição viva. *História Geral da África: I. Metodologia e pré-História da África*. Coordenador J. Kizerbo. São Paulo: Ática, 1982.

[10] HERCULANO, A. *op. cit*.

reconta. A retomada dos recursos da tradição oral por escritores modernos (James Joyce e Guimarães Rosa, por exemplo) comprovam a universalidade dessa tradição que ainda se mantém viva no mundo letrado.

Referências

BÂ, A. HAMPATÉ. A tradição viva. In: ***História Geral da África**: I. Metodologia e pré-História da África*. Coordenador J. Kizerbo. São Paulo: Ática, 1982.

HERCULANO, A. **A Dama Pé de Cabra**. *Lendas e Narrativas*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

J. VANSINA, A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África: I. Metodologia e pré-História da África.** Coordenador J. Kizerbo. São Paulo: Ática, 1982.

MATOSO, J. Introdução. In: **Narrativas dos Livros de Linhagens**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.